

De Goiás ao Paço, a história de gratidão de Sebastião Melo com Porto Alegre

Carregador, atendente, advogado e político, as facetas do goiano que virou prefeito da Capital

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

É papel de uma capital reunir um pouco de cada canto de seu estado e impor, em seus bairros, ruas e avenidas, uma rotina distinta, emaranhada em tradições e manias de seu povo. Mas também é papel de uma capital receber pessoas de longe e as integrar neste cotidiano. Gente de outros estados, países e continentes. E Porto Alegre, que completou 254 anos nesta quinta-feira, estende seus abraços a todos que buscam acelerar ou desacelerar, deixando o interior ou grandes metrópoles. Uma dessas histórias, hoje, é a de quem comanda a cidade. A trajetória do prefeito Sebastião Melo iniciou em Piracanjuba, no interior de Goiás, mas está estabelecida por aqui desde 16 de fevereiro de 1978.

Eleito em 2020 e reeleito em 2024, Melo está, mesmo que entre idas e vindas, na vida política da cidade desde 2000, quando se elegeu vereador no primeiro de seus três mandatos consecutivos. Mas sua trajetória no Rio Grande do Sul começou bem antes, ao deixar o interior goiano, descer do ônibus

na rodoviária e procurar abrigo em uma casa de estudantes, a conselho de sua desconhecida companheira de viagem, Terezinha, que lhe recomendou este caminho para ter um teto onde dormir.

Essa história, inclusive, é recheada de conselhos. Quando morava em Piracanjuba, Melo conheceu um “gaúcho daqueles”, que o fez recalcular sua rota, já que o destino de um goiano é Brasília, Belo Horizonte e especialmente São Paulo, conta o prefeito. “O seu Jorge me encantou com a comida, com a música e com a história dos gaúchos. Então você pergunta, quando nasceu a ideia de vir? Nasceu naquelas conversas na casa do seu Jorge”.

Já na Capital e dando ouvidos a Terezinha, procurou as casas de estudantes. De cara, esbarrou em locais exclusivos a universitários, já que veio apenas com o diploma do Ensino Fundamental. Depois, se encontrou. “Me mandaram para a rua Fernando Machado, perto do viaduto Otávio Rocha, e era um misto de gente que veio estudar, parou de estudar ou saiu de casa... então tinha mais gente que não estudava e morava lá”.

A partir daí, começou a tocar



Melo elegeu o Mercado Público como o seu lugar preferido na cidade

a vida na cidade grande, como sempre sonhou. “Eu tinha vontade de vencer na vida e aquela rotina pacata de cidade pequena, por mais que tivesse o acolhimento da família, não era o que eu queria”. Desde então, rodou diversos bairros, como Centro Histórico e Menino Deus, e agora está em Ipanema, na Zona Sul. “Eu, como sou roceiro, gosto muito da zona rural. Porto Alegre é uma cidade grande, com características, às vezes, de cidade pequena, e a Zona Sul tem um pouco disso”, acrescenta.

Mas quando é preciso escolher um local na cidade, Melo não precisa nem ser perguntado para deixar clara a sua preferência: “E se eu tivesse que escolher um local, escolho o Mercado Público como o meu preferido. Tenho 200 lugares para falar bonito, mas fico com o Mercado”. Outra raiz inte-

ressante que construiu por aqui é o apreço pelo Mocotó, à frente do churrasco, por exemplo, que é quem costuma cativar a maioria na gastronomia. E no futebol, cercado pela rivalidade Gre-Nal, ficou com a camisa vermelha e branca do Internacional.

Já na faculdade, se formou em Direito, mas antes chegou a fazer Economia, curso que não lhe cativou. Na política, se envolveu cedo, ao filiar-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), ainda em 1978. À época, o partido “tinha uma aura popular, coisa que não tem mais hoje”, relembra. “Minha identidade política está ali na Esquina Democrática. Ali tinha comércio todo dia, a polícia vinha e nos batia, e nós gritávamos pela anistia e abaixo a ditadura. Eu era um desses, mais um”, conta.

Neste século, pelo MDB, foi

Perfil

- Nome:** Sebastião de Araújo Melo
- Local de origem:** Piracanjuba, Goiás
- Ano que chegou:** 1978
- Local preferido na cidade:** Mercado Público
- Comida preferida:** Mocotó
- Cena cultural preferida:** Mercado Público
- Clube da Capital:** Inter

vereador, vice-prefeito e prefeito, além de algumas candidaturas sem sucesso, brinca. Na vida privada, advogou em diversas áreas e avalia que foi um “clínico geral”. E este será seu destino após o mandato vigente, que se encerra em 2028, sem descartar uma candidatura em 2030. “Quem pega a política para usar esse cargo para ter um benefício futuro ou presente, para mim, não é político. Política é você olhar para o bem comum. Para o que é melhor para aquela região, o que é melhor para a minha cidade. É nisso que eu tenho que focar”, reflete, sobre seus ideais no setor público.

A vida na Capital não foi apenas de feitos políticos

Só que a trajetória em Porto Alegre não se resume apenas aos feitos políticos. Virar a vida de ponta cabeça ao sair do interior de um estado rumo à capital de outro é muito mais impactante no lado pessoal. Melo não é de se queixar, mesmo com algumas pancadas, como a perda do pai logo cedo e a de quatro irmãos ao longo dos anos. Apesar de tudo, constituiu família e viu seus dois filhos, Pablo e João Artur, um de cada casamento, crescerem gaúchos. E destaca as ironias do destino, já que sua esposa, Valéria,

é paulista, mas também veio para cá, e estão há 33 anos juntos.

Também viveu diversos ciclos na cidade. Quando chegou, se impactou profundamente pelo viaduto da avenida Borges de Medeiros, em uma época que o Centro Histórico era muito mais vivo e pulsante. “Minha primeira impressão era de alguém que veio da roça, que morou no interior, que conhecia Goiânia, pegou um ônibus em Brasília e daqui a pouco se depara com uma cidade grande. Era outro mundo para mim”, recorda.

Antes de assumir o comando da cidade, foi carregador na Cesa, atendente em padaria, advogado, entre outras profissões. Melo ressalta que nestes 48 anos desde sua chegada houve grandes transformações urbanas. Foram criados bairros, questões viárias avançaram, e Porto Alegre finalmente se virou para o Guaíba com a construção da orla. Hoje, ele vê uma Capital que avança em inovação com parques tecnológicos, recebe grandes eventos e aproveita melhor seus espaços públicos.

Mas perguntado sobre o que poderia mudar em um estalo de dedos, nem titubeou ao apontar que “precisamos melhorar nossa civilidade”. É claro seu incômodo com a falta de respeito que acompanha as divergências de opinião. “Temos grandes valores, mas a incivilidade vem crescendo nessa cidade. Posso discordar de ti, mas com respeito. Diria para convivemos em paz. Porque, sem paz, não há uma vida boa.” Mesmo assim, entende que a maior virtude da cidade é seu povo, que em linhas gerais, é edu-

cado, trabalhador e produtivo.

Por fim, Melo se diz eternamente grato a Porto Alegre, e que ser gaúcho é um estado de espírito. Bem humorado, brinca para uma sala cheia que se considera “mais gaúcho do que todos vocês juntos”.

Essa matéria encerra a série publicada ao longo desta semana. Foram quatro histórias para celebrar os 254 anos da Capital pelos olhos de quem não é daqui.

CESAR LOPES/PMMA/JC